

## LINHAS CRUZADAS NO RESGATE DA GEOPOLÍTICA PÓS-ANOS 1970

Licio Caetano do Rego Monteiro - UFRJ

licio.caetano@gmail.com

### RESUMO

A geopolítica possui um lugar controverso dentro da academia e sua relação com a geografia tem sido objeto de discussão durante todo o século XX. Se a interdição da geopolítica nos meios acadêmicos ocorreu de maneira bastante demarcada com a II Guerra Mundial, como resposta ao uso instrumental da geopolítica pelos nazistas, o resgate da geopolítica após a década de 1970 se deu por variadas fontes e significados. Este artigo busca traçar um caminho que identifica a interdição da geopolítica na geografia ao longo do século XX e as fontes de resgate da geopolítica a partir dos anos 1970, com foco na "linha cruzada" entre autores relevantes para a reconstituição dessa narrativa, dentre eles Henry Kissinger, Yves Lacoste e Michel Foucault.

**Palavras chaves:** Geografia política e geopolítica

### INTRODUÇÃO:

A geopolítica possui um lugar controverso dentro da academia e sua relação com a geografia tem sido objeto de discussão durante todo o século XX. Na geografia brasileira, a principal obra de referência sobre a geografia política e a geopolítica - e a relação entre esses dois campos - é o livro de Wanderley Messias da Costa, *Geografia Política e Geopolítica* (1991). Apesar de indicar logo na introdução do livro que "não são poucos os autores que preferem passar ao largo" das contradições relacionadas à distinção entre os dois campos, que essa discussão "não deixa de ser, de certo modo, estéril ou até mesmo inútil" e que "as indistincões são predominantes", sendo fundamental o resgate das contribuições tanto de geografia política como de geopolítica" (COSTA 1991, pp.18-19), a tese do autor apresenta uma distinção entre geografia política e geopolítica, baseada na concepção de que somente a geografia política possuía um estatuto científico definido e válido, enquanto a geopolítica era uma pseudo-ciência, relegada a seu viés ideológico, "antes de tudo um subproduto e um reducionismo técnico e

pragmático da geografia política", "um empobrecimento teórico" em relação aos principais autores da geografia política (COSTA 1991, p.55).

No entanto, a retomada do uso da geopolítica nos anos 1970 e o acúmulo de revisões críticas desenvolvidas em diferentes momentos têm ampliado o campo de interesse pela geopolítica. A questão que nos colocamos é: em que medida a distinção entre geografia política e geopolítica deve ser o eixo estruturador do debate sobre um campo de estudos ampliado que é coabitado por essas duas vertentes?

Ao longo de todo o século XX é possível encontrar diferentes momentos de um debate que gira em torno da distinção entre geopolítica e geografia política. Os dois termos foram criados em contextos diferentes. Geografia política aparece inicialmente no texto de Jacques Turgot (1750), embora o sentido posterior desenvolvido por Friedrich Ratzel não guarde nenhuma referência ao tratado escrito por Turgot mais de um século antes, mas a um geógrafo alemão pouco conhecido chamado Ernst Kapp que publicara em meados do século XIX uma obra com o título de Geografia Política (RAFFESTIN et al. 1995). Apesar da antecedência de Turgot, é o nome de Ratzel que aparece como pai fundador da geografia política. Já a geopolítica foi um termo cunhado por Rudolf Kjellen e apropriado mais tarde pela escola geopolítica alemã, como saber aplicado e orientado para o Estado. Diversas obras de referência sobre geografia política e geopolítica retomam essa trajetória dos termos (PARKER 1985, RAFFESTIN et al. 1995).

Apesar da separação terminológica tardia em relação ao surgimento do campo de conhecimento da geografia política, cabe ressaltar que não encontramos, nem em Turgot nem em Ratzel, uma diferenciação e uma hierarquia entre uma geografia política teórica e de uma geografia política aplicada às políticas dos Estados. Turgot faz uma distinção entre uma geografia política teórica, identificada como uma "arte de governar", e uma geografia positiva ou histórica, descrição do passado e do presente sob o ponto de vista da geografia política (1750, p.613), mas ambas se complementam num mesmo conjunto de saber. Em ambos os autores, o que notamos é uma indiferenciação entre as bases que fundam o conhecimento teórico da geografia política e o conhecimento aplicado às demandas do Estado.

A mesma indiferenciação notamos na obra de Halford Mackinder, que foi reconhecidamente um expoente da geografia acadêmica britânica e, ao mesmo tempo, uma das principais referências da geopolítica clássica, apesar de nunca ter utilizado o termo *geopolítica* em sua obra. O próprio Mackinder não buscava estabelecer uma ruptura clara entre seu conhecimento acadêmico desinteressado e a produção prescritiva de uma orientação política para a Grã-Bretanha, como a conhecida publicação *The Geographical Pivot of History*, em 1904. Mackinder acabou se tornando o próprio arquétipo do homem geopolítico, o tipo intelectual que via o mundo e adivinhava seus desígnios (Ó TUATHAIL 1998, p.23). Além de defender essas grandes visões da política global, tipos como Mackinder o faziam a partir da academia, numa produção assentada em instrumentais teóricos e metodológicos que embasavam seus argumentos e o permitiam fazer essas interpretações do destino do mundo, apresentadas com o prestígio conferido pelo lugar da ciência.

Os exemplos de Turgot, Ratzel e Mackinder servem para ilustrar a maneira como a indissociação entre saberes teórico e prático se apresentava nas origens da formação da geografia política como campo acadêmico. Mas podemos trilhar também as maneiras como essa dissociação foi buscada ao longo do século XX, principalmente através dessa distinção entre geografia política e geopolítica.

As distinções mais comuns apontam a geopolítica como saber prático e aplicado da geografia para objetivos políticos de determinados atores – o mais evidente seria justamente o Estado – enquanto a geografia política significaria uma abordagem científica das relações entre espaço e política, sem compromisso com qualquer aplicação. Outra visão, bastante próxima dessa primeira, é a que coloca o foco não na finalidade do conhecimento, mas na diferenciação entre conteúdo ideológico associado à geopolítica e conteúdo científico associado à geografia política. Há ainda uma distinção comum que relaciona geopolítica a uma questão de escala ampliada dos fenômenos políticos, principalmente na arena internacional, enquanto a geografia política poderia ser aplicada a qualquer escala de análise, criando uma associação imediata entre política externa/geopolítica e política interna/geografia política.

O argumento de oposição entre geopolítica à geografia política possui raízes quase tão antigas quanto o próprio surgimento do termo geopolítica. A crítica do geógrafo francês Albert Demangeon à *Geopolitik* alemã, já em 1932, aparece como uma das primeiras argumentações consistentes em defesa da "tese segundo a qual a geopolítica era um desvio não-científico na evolução da geografia política, tese esta que seria fartamente repetida por todos os geógrafos e não-geógrafos que examinaram a história desse campo de estudos" (COSTA 1991, p.221). Essa tese é tributária da posição teórica de Lucien Febvre, que ainda em 1923 desaconselha qualquer abordagem política da geografia, afirmando que era "o solo, não o Estado, é no que o geógrafo deve se deter" (LOROT 1995, p.53).

A idéia de um *pecado original* da geopolítica, associado ao vínculo com interesses políticos de Estados e impérios, levantou controvérsias no debate acadêmico em diversas comunidades geográficas ao redor do mundo, em diferentes momentos. Inicialmente, a crítica à geopolítica surge de uma identificação imediata do campo teórico da geopolítica com as doutrinas expansionistas da Alemanha. O uso das teorias geopolíticas para as formulações estratégicas no período da Alemanha hitlerista gerou uma repulsa em diversos geógrafos, inicialmente nos países do campo vencedor da II Guerra Mundial, que já se contrapunham à *Geopolitik* alemã antes mesmo do fim da guerra (DEMANGEON 1932, BOWMAN 1942). Posteriormente, essa crítica repercutiu nas comunidades acadêmicas em diversos países, com o objetivo de desvencilhar a geografia dos elementos doutrinários associados aos compromissos com os Estados nacionais durante as grandes guerras.

O termo geopolítica foi quase banido da academia. "Poucos acadêmicos tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética usaram o termo geopolítica durante os cerca de 40 anos que se seguiram à derrota da Alemanha Nazista em 1945. Por quê? Eles temiam ser acusados de nutrirem simpatias e ambições nazistas" (DODDS 2007, p. 17). Depois da II Guerra Mundial, o balanço realizado pelos geógrafos resultou no ocaso da geopolítica clássica no campo disciplinar da geografia, "não [era] mais de bom tom fazer referências à geopolítica" após 1945 (LACOSTE 1988, p.24). É o que Pounds expressava de maneira bem clara em 1963: "o renascimento do termo geopolítica é provavelmente prematuro e pode

permanecer assim, enquanto a maioria das pessoas associarem o termo com as políticas desumanas do Terceiro Reich de Hitler" (POUNDS 1963, p.410 apud HEPPLÉ 1986).

A geopolítica como sub-campo da geografia foi abandonada em favor de uma geografia política isenta de ideologias e compromissos com o Estado. Os geógrafos pós-1945 buscaram estabelecer uma demarcação acentuada em relação aos autores clássicos da geopolítica, que resultou, como efeito colateral, num abandono dos estudos de política internacional. Esse apagamento da geopolítica foi descrito nas diversas obras que reconstituem a história da geografia política e da geopolítica.

Nos Estados Unidos, por exemplo, uma das manifestações desse debate aparece no artigo do geógrafo Isaiah Bowman, que opunha a geografia como ciência à geopolítica como "visão distorcida das relações geográficas, políticas e históricas" (BOWMAN 1942, p.646). Nicholas Spykman, outro geógrafo norte-americano, por sua vez, recusou essa categorização peremptória e buscou explorar as potencialidades das teorias geopolíticas para a orientação estratégica dos países situados no campo dos aliados na II Guerra Mundial. Apesar do reconhecimento do papel da geografia no esforço de guerra norte-americano - e dos elogios a N. Spykman feitos por seus pares no mesmo período -, os anos posteriores ao fim da II Guerra Mundial marcaram um afastamento da comunidade geográfica dos EUA e de outros países em relação a temas políticos internacionais (SMITH 1984, p.69). A contribuição de Spykman também foi relegada ao campo da instrumentalização geopolítica da geografia. Essa perda de importância de estudos de política internacional dentro da geografia não se manifestou somente nos Estados Unidos, e acabou por se estender para outras escolas ao redor do mundo - a América do Sul foi uma exceção desse movimento.

Analisando com maior distanciamento temporal as expressões do debate em torno da geopolítica nesse período, é possível refazer um balanço e destacar alguns pontos controversos.

Em primeiro lugar, dentro da crítica à geopolítica podemos identificar uma forte marca nacionalista na defesa de algumas escolas geográficas nacionais em relação à produção geográfica oriunda da Alemanha, uma vez que se criou uma

identificação entre a geopolítica e a escola germânica de geografia. É o que se vê, por exemplo, na crítica dos franceses, à geografia alemã, nas críticas tanto a Ratzel quanto à geopolítica de Haushofer. Em relação ao caráter não-científico da produção geopolítica, muitas vezes a acusação incorria na mesma postura ideológica criticada. O silêncio sobre a obra de Vidal de la Blache *La France de L'Est* (1917), discutido por Lacoste (1988), é um caso exemplar sobre essa seletividade da crítica à politização da geografia. Da mesma forma o apagamento que os geógrafos norte-americanos fizeram após a II Guerra Mundial tanto da participação acadêmica nos esforços de guerra quanto da bem-sucedida contribuição teórica de N. Spykman na formulação de uma geopolítica norte-americana..

Em segundo lugar, o acúmulo de críticas à fixação no Estado-nacional e ao caráter ideológico da geopolítica pode ser extensivo ao próprio campo disciplinar da geografia, como o fez Yves Lacoste (1976, 1988). Mas o que prevaleceu foi renegar somente a tradição geopolítica, identificando todo o aporte ideológico e comprometido como geopolítica e separando o aporte científico e desinteressado como expressão de uma geografia autêntica. Como afirma Geraóid Ó Tuathail, "as críticas à geopolítica não transcendem as operações das redes de saber/poder" (1996, p. 142). Acabam buscando no reduto da legitimidade científica uma posição de superioridade para hierarquizar os saberes a partir do topo em que se colocam. Nesse caso, "geopolítica e anti-geopolítica não são necessariamente opostos" (Ó TUATHAIL 1996, p.143).

### **Linhas cruzadas nos anos 1970**

Se a interdição da geopolítica nos meios acadêmicos ocorreu de maneira bastante demarcada com a II Guerra Mundial, como resposta ao uso instrumental da geopolítica pelos nazistas, o resgate da geopolítica após a década de 1970 se deu por variadas fontes e com atribuição de diferentes significados para o termo geopolítica. Daí que é muito mais fácil traçar os caminhos da interdição do que os do resgate da geopolítica. Para traçar esses caminhos, percorremos um fio condutor entre alguns autores importantes para a reconstituição dessa narrativa a partir dos anos 1970.

O primeiro autor - e mais inusitado no debate aqui proposto - é Michel Foucault. Mas sua entrada se justifica pelo debate iniciado num momento importante da recuperação da geopolítica, que foi a criação da revista *Hérodote*, lançada por Yves Lacoste em 1976. A primeira edição da revista trouxe uma entrevista dos editores com Michel Foucault<sup>1</sup> e, logo no início, o filósofo francês lança a questão do estatuto científico do conhecimento.

*Legislar para toda a ciência é o projeto positivista. Eu me pergunto se em certas formas de marxismo "renovado" não se caiu em tentação semelhante, que consistiria em dizer: o marxismo, como ciência das ciências, pode fazer a teoria das ciências e estabelecer a separação entre ciência e ideologia. Ora, essa posição de árbitro, de juiz, de testemunha universal, é um papel a que me recuso absolutamente, pois me parece ligado à instituição universitária da filosofia. Se faço as análises que faço, não é porque há uma polêmica que gostaria de arbitrar mas porque estive ligado a certos combates: medicina, psiquiatria, penalidade (FOUCAULT 2001 [1976], p. 154-155).*

O argumento de Foucault, colocado de forma ligeira na entrevista, aparece de maneira mais desenvolvida em outro texto, também de 1976<sup>2</sup>. Foucault se posiciona em relação ao debate sobre a "ambição de poder" que a ciência traz consigo:

*antes mesmo de saber em que medida uma coisa como o marxismo ou a psicanálise é análoga a uma prática científica em seu desenrolar cotidiano (...) não é necessário primeiro levantar a questão, se interrogar sobre a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo? A questão, as questões que é preciso formular não serão estas: 'Quais tipos de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ser esse saber uma ciência? Qual sujeito falante, qual sujeito discorrente, qual sujeito de experiência e de saber vocês querem minimizar quando dizem: 'eu que faço esse discurso, faço um discurso científico e sou cientista'? (FOUCAULT 1976, p.15).*

O terceiro número da revista *Hérodote*, ainda 1976, apresenta questões que Foucault formula para os geógrafos envolvidos com a revista e uma das perguntas

---

<sup>1</sup> A entrevista de Michel Foucault para a primeira edição da revista *Hérodote* foi publicada em português em FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001 [1979]

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002

era justamente sobre a necessidade de construir o conhecimento sobre o espaço como uma ciência: "Se eu os entendi corretamente, vocês estão buscando construir um conhecimento dos espaços. É importante para vocês construir isso como uma ciência? (FOUCAULT 1976 apud HEPPLÉ 2000, p. 298). Esses três fragmentos de Foucault em 1976 podem ser trazidos para o debate sobre a validade de construir uma relação entre geografia e geopolítica a partir da oposição entre ciência e ideologia. Com essa argumentação, Foucault não confrontava diretamente a relação entre geografia e geopolítica, mas pode bem ser apropriada nesse debate. É interessante notar que Foucault encerra sua entrevista indicando a retomada de um certo uso do termo geopolítica.

*Cada vez mais me parece que a formação dos discursos e a genealogia do saber devem ser analisadas a partir não dos tipos de consciência, das modalidades de percepção ou das formas de ideologia, mas das táticas e estratégias de poder. Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes dos controles de territórios, das organizações de domínios que poderiam constituir uma espécie de geopolítica, por onde minhas preocupações encontrariam os métodos de vocês. Há um tema que gostaria de estudar nos próximos anos: o exército como matriz de organização e de saber - a necessidade de estudar a fortaleza, a "campanha", o "movimento", a colônia, o território. A geografia deve estar bem no centro das coisas de que me ocupo (FOUCAULT 2001 [1976], p.165 - grifo nosso)*

Os efeitos de sua possível sugestão só encontrariam ressonância duas décadas depois, e não por assimilação de Lacoste, mas da geopolítica crítica anglo-americana, como veremos adiante. Apesar do diálogo inicial, a colaboração entre Foucault e Lacoste teve vida curta. Talvez tenha sido abandonada pelo fato de que Lacoste não percebia em Foucault um interesse real pela geografia (CLAVAL 2000, p.246)<sup>3</sup>.

O que observamos é uma bifurcação na apropriação das questões levantadas por Foucault. Uma primeira apropriação que ocorre na França na década de 1970, relacionada ao pensamento crítico que se desdobra a partir de 1968 tanto no âmbito acadêmico quanto no meio político. Esse diálogo repercute principalmente

---

<sup>3</sup> Segundo Claval, essa observação foi feita pelo próprio Lacoste, em conversa particular (2000, p.246).

no campo da geografia, mas sem muito impacto no resgate da geopolítica. Uma segunda apropriação ocorre nas décadas de 1980 e 1990 pela chamada "geopolítica crítica", desenvolvida nos círculos acadêmicos de língua inglesa. A entrevista de Foucault foi publicada em inglês na coletânea *Power/Knowledge* em 1980 e se tornou a principal obra de referência - ao lado de *Orientalismo*, de Edward Said - para os geógrafos que desenvolveram a "geopolítica crítica" (DODDS; SIDAWAY 1994, p.52 apud KELLY 2006, p.29).

Essa influência de Foucault na geografia anglo-saxônica, no entanto, não surge acompanhada da influência dos interlocutores geógrafos franceses que desenvolvem uma geopolítica crítica - real, mas não nominal - desde a década de 1970. Isso porque bem pouco de Yves Lacoste e da revista *Hérodote* foi traduzido para o inglês durante essas décadas. Já a entrevista de Foucault, tendo sido traduzida para a coletânea publicada em inglês em 1980 Como reconhece Leslie Hepple (2000, p.292), a entrevista de Foucault "pode ser o ensaio da *Hérodote* melhor conhecido no mundo anglófono".

O segundo autor trazido ao debate é Yves Lacoste, uma das principais referências em geografia política e geopolítica na França e no mundo. Apesar da colocação de Foucault logo no primeiro número da *Hérodote*, a reabilitação do termo geopolítica pelos geógrafos radicais franceses em torno de Lacoste ocorre somente alguns anos depois, com a inclusão do subtítulo Revista de Geografia e Geopolítica, em 1982. Podemos retomar diretamente as explicações de Lacoste (2008) para a retomada do termo geopolítica. Lacoste remonta ao ano de 1979, quando estoura a guerra entre Vietnã e Cambodja e os jornais franceses não conseguiam explicar o teor do conflito pelas divergências ideológicas da Guerra Fria, explicação recorrente para os conflitos mundiais da época. A importância das questões territoriais referentes ao delta do rio Mekong no conflito entre os dois países no sudeste da Ásia trouxe à tona a explicação "geopolítica", especificamente pelo editorial do *Le Monde* escrito por Jacques Fauvet, que se encerra com a conclusão - "c'est la géopolitique!" (LACOSTE 2008, p.19). A partir de então, passa a ser recorrente na mídia francesa a explicação geopolítica para diversos outros conflitos que estouram nos anos subsequentes, como a guerra entre China e Vietnã, a invasão soviética do

Afeganistão, a expulsão dos norte-americanos do Irã e a guerra Irã-Iraque (LACOSTE 2008, p. 19).

Dentro do mesmo processo, podemos incluir a retomada de uma geopolítica neoclássica em círculos intelectuais conservadores da França no início da década de 1980, com a criação do International Institute of Geopolitics, em 1982, dirigido por Marie-France Garaud, resultado de uma cooperação entre França e EUA para reforçar o engajamento da Europa Ocidental na luta anticomunista, contra algumas tendências isolacionistas ou pacifistas (BASSIN 2004, p.622).

Wanderley M. da Costa buscou registrar as justificativas apresentadas por Yves Lacoste para retomar o uso "à primeira vista equivocado (ou no mínimo estranho) do rótulo "geopolítica"" (COSTA 1991, p. 245) em suas obras e no próprio título da revista Hérodote, apesar de os artigos, segundo Costa, serem sobretudo de geografia política. Dentre as explicações listadas estavam: 1) "a geopolítica não era monopólio de "Ratzel e seus seguidores nazistas", ou tão-somente um conceito hitleriano"; 2) "a geopolítica também era uma das preocupações de E. Reclus (...) "geógrafo libertário que tanto admiramos"; 3) "o termo "geografia" possuía uma "fraca imagem de marca" junto ao público que se pretendia alcançar"; 4) "o conteúdo de muitos artigos teria uma "caráter geopolítico" ou "estratégico", o uso do termo só explicitaria essas características; 5) ""geopolítica" é muito mais claro (como vocábulo) que "geografia política"" (COSTA 1991, p. 245-246). A conclusão de Costa é a de que

*"o uso dessa malfadada palavra, que rotula há décadas essa pseudociência (...) de tão triste memória em todo o mundo, só foi incorporada como label por Y. Lacoste e seu grupo porque - do ponto de vista do marketing - ela seria mais adequada que a acadêmica e formal geografia política" (1991, p. 246).*

O ressurgimento da geopolítica dificilmente teria obtido acolhida nas décadas imediatamente posteriores à II Guerra Mundial, quando o trauma da influência geopolítica no nazismo alemão ainda aparecia de maneira viva no imaginário europeu. Mas a distância temporal entre 1945 e os anos 1980 foi suficiente para limpar o terreno em que frutificou esse ressurgimento da geopolítica na França, tanto nos círculos conservadores, como o de Marie-France Garaud, quanto nas vertentes mais críticas, como a de Yves Lacoste.

O terceiro autor é Henry Kissinger, que completa a linha cruzada entre os autores que influenciaram a retomada da geopolítica. Aqui destacamos as conexões entre a popularização do termo geopolítica e a retomada do termo no discurso político de Henry Kissinger ao longo da década de 1970 e em suas memórias sobre os anos passados na Casa Branca, publicadas em 1979 (HEPPLE 1985, p.S25). A combinação entre a produção acadêmica de Kissinger e a política externa norte-americana sob sua influência, que buscou configurar o tabuleiro global da Guerra Fria em termos mais multipolares, ganhou repercussões em diversas partes do mundo. O que Lacoste captura no final dos anos 1970 na França pode ser apenas a ressonância desse uso da geopolítica como fonte de legitimidade e inteligibilidade das políticas de poder dos Estados Unidos no mesmo período.

Kissinger foi um dos principais autores a retomar o uso do termo geopolítica ainda na década de 1970, exercendo influência na retomada conservadora da geopolítica ocorrida na Europa, como exemplifica o caso francês. O que Kissinger chamava de "geopolítica" era uma forma específica de doutrina do equilíbrio de poder no mundo bipolar (HEPPLE 1986, p. S26), no qual os EUA deveriam ter uma "geopolítica", uma estratégia global. Na condição de assessor de Nixon desde 1968, Kissinger buscava exercer sua política ao mesmo tempo em que fornecia os instrumentos conceituais para interpretá-la.

Apesar de pouco afeito ao ambiente acadêmico da geografia no período posterior à II Guerra Mundial, diversas premissas teóricas da geopolítica e seus efeitos para a estratégia nacional dos Estados permaneceram vigentes em outros campos acadêmicos e político-institucionais, com a chamada "alta geopolítica". Segundo John O'Loughlin, a "alta geopolítica" desenvolvida nos Estados Unidos "é com freqüência especulativa, despreocupada com as populações que constituem os estados, motivada por uma preocupação de segurança militar tradicional e tende a olhar o mundo através de uma lente de soma-zero" (2000, p.127).

A popularidade assumida pela geopolítica ao final da década de 1970 justificaria então a decisão dos editores da revista Hérodote em assumir o termo. O silêncio de Lacoste em relação ao diálogo com Foucault é significativo, uma vez que a influência foucaultiana foi marcadamente importante na construção da "geopolítica crítica" anglo-americana dos anos 1980 e 1990.

Mas como explicar o descompasso e as diferenças teóricas entre a geopolítica que ressurgiu na França nos anos 1980 e a renovação crítica da geopolítica que se desenvolve a partir dos anos 1990 na geografia anglófona? A apropriação do termo geopolítica pelo pensamento político conservador nos EUA, fortemente vinculada a formulações ideológicas da política externa norte-americana teve como contrapartida a reivindicação de uma geopolítica crítica pelos geógrafos de língua inglesa nos anos 1980 e 1990. Ironicamente, enquanto Henry Kissinger influenciou a recuperação da geopolítica nos círculos conservadores franceses e, indiretamente, o uso do termo no título da revista de Lacoste, a entrevista de Foucault à revista *Hérodote* na década de 1970 influenciou o surgimento de uma geopolítica crítica nos Estados Unidos e na Inglaterra nas duas décadas posteriores. A assimilação das proposições de Foucault apartada da possível assimilação da experiência acumulada no âmbito da revista *Hérodote* se explica pelo fato de que a entrevista de Foucault ter chegado traduzida em inglês na publicação da coletânea de texto de Foucault *Power/Knowledge* já em 1980, enquanto as obras de Lacoste e os artigos da *Hérodote* permaneceram sem tradução para o inglês. É essa interação entre os campos ideológicos e ambientes acadêmicos distintos, com apropriações do aparentemente mais distante e bloqueios do mais próximo que chamamos de *linha cruzada*.

Segundo Benno Teschke, desde a década de 1980, a revisão da geopolítica pretendeu "entender a geopolítica como um fenômeno discursivo interno/externo ao explorar a construtividade das ordens políticas espaciais sobre a base de leituras historicizadas das transformações territoriais" (2006, p.328). Apesar de possuir apenas tênues vínculos com a geopolítica tradicional, "as invocações do termo geopolítica têm se tornado mais uma vez centrais para o discurso geral na academia e além dela" (TESCHKE 2006, p.328). Além de uma visão crítica em relação ao compromisso estatal da geopolítica clássica, diversos geógrafos passam a reconhecer a possibilidade de uso político dos conhecimentos geográficos por outros atores além do Estado, como no caso de uma geopolítica dos movimentos sociais, dos grupos de libertação nacional, das empresas transnacionais, etc. Nos anos 1990, são lançadas ainda novas formulações tais como "geopolítica crítica" (Ó TUATHAIL 1996; Ó TUATHAIL; DALBY 1998), "geopolítica pós-moderna" (LUKE

2002) e a abordagem histórica da "imaginação geopolítica moderna", como proposta por John Agnew (1998). Essas contribuições são justamente a geopolítica crítica anglo-saxônica que se apropria das formulações de Foucault, contornando as contribuições de Lacoste e confrontando a geopolítica conservadora, cujo um dos expoentes era Henry Kissinger, que se renovou nos Estados Unidos a partir dos anos 1970.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A argumentação proposta por Foucault para pensar o estatuto científico do conhecimento pode ser aqui utilizada para a defesa de uma relação de aproximação entre a geografia política e a geopolítica. Não é possível afirmar uma geografia política a partir de uma desqualificação da geopolítica, pelos aspectos ideológicos ou instrumentais que muitas vezes a acompanham. A ausência de aporte ideológico na produção científica muitas vezes é utilizada como um recurso retórico, que desvia a atenção que devemos dar ao poder da verdade que se agrega aos discursos científicos.

Podemos sugerir que entre geografia política e geopolítica existe uma diferença de gradação no componente autônomo da produção e da difusão do conhecimento, o que não implica necessariamente a existência de naturezas distintas que definem um campo como científico e outro como político ou ideológico. A diferença de gradação se expressa no que Pierre Bourdieu (2004 [1997]) chama de grau de autonomia de um campo científico em relação ao contexto social em que está inserido. Segundo Bourdieu,

*é preciso escapar à alternativa da "ciência pura", totalmente livre de qualquer necessidade social, e da ciência "escrava", sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações, etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve (...) Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas (p. 21-22)*

Parafraseando Bruno Latour (1996), ser ou não ser ciência não é a questão. Seria necessário superar algumas dicotomias que se consolidaram na auto-imagem que a ciência e os cientistas fazem de si mesmo, como, por exemplo, a separação entre ciência e cultura, ciência e política, objetividade e subjetividade, etc. Portanto, ressituar a geopolítica entre os atuais campos de conhecimento e, particularmente, em relação à geografia passa por uma discussão renovada sobre as ciências, as maneiras como são feitas e seu papel na sociedade.

A geopolítica que encontramos hoje em dia no âmbito acadêmico e no político-institucional, seja nas vertentes neoclássicas, seja nas vertentes críticas, são tributárias de diversas camadas de revisão do uso do termo. O que há de comum é a constatação da importância que o conhecimento e as formulações geopolíticas possuem tanto nas configurações de poder dos Estados e do sistema interestatal quanto nas interpretações e discursos sobre a ordem política mundial.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

AGNEW, John. *Geopolitics: re-visioning the world politics*. New York: Routledge, 1998

BASSIN, Mark. The two faces of contemporary geopolitics. In: MURPHY, Alexander (ed.) *Forum: Is there a politics to geopolitics?* *Progress in Human Geography*, 28 (5), 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004 [1997]

BOWMAN, Isaiah. *Geography vs. Geopolitics*. *Geographical Review*, 32 (4), 1942

CLAVAL, Paul. *Hérodote and the French Left*. In: Dodds, Klaus and Atkinson, David (ed.). *Geopolitical traditions: a century of geopolitical thought*. London: Routledge, 2000

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo: Edusp, 2008 [1991]

DEMANGEON, *Géographie politique*. *Annales de Géographie*, t. 41, n°229.1932

- DODDS, Klaus. Geopolitics: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2007
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002 [1976]
- FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 ) 16a Edição/2001 [1976]
- HEPPLE, Leslie. Géopolitiques de gauche: Yves Lacoste, Hérodote and French Radical Geopolitics. In: Dodds, Klaus and Atkinson, David (ed.). Geopolitical traditions: a century of geopolitical thought. London: Routledge, 2000
- HEPPLE, Leslie. The revival of geopolitics. Political Geography Quarterly, Supplement to Vol. 5, n. 4, 1986
- KELLY, Phillip. A critique of Critical Geopolitics. Geopolitics, 11, 2006
- LACOSTE, Yves. A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 1988 [1976]
- LACOSTE, Yves. La géographie, la géopolitique et le raisonnement géographique. Hérodote 2008/3 n° 130, p. 17-42
- LATOUR, Bruno. Not the Question. Anthropology Newsletter 37 (3), 1995
- LOROT, Pascal. Histoire de géopolitique. Paris: Economica, 1995
- LUKE, Timothy. Postmodern Geopolitics: the case of the 9.11 terrorist attacks. In: AGNEW, J. et al (Ed.). A Companion to Political Geography. Blackwell Publishing, 2002
- MURPHY, Alexander (ed.). Forum: Is there a politics to geopolitics? Progress in Human Geography, 28 (5), 2004
- Ó TUATHAIL, Geraóid; DALBY, Simon. Rethinking geopolitics. London: Routledge, 1998
- Ó TUATHAIL, Geraóid. Critical geopolitics: the politics of writing global space. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996
- Ó TUATHAIL, Geraóid. "Postmodern geopolitics: the modern geopolitical imagination and beyond". In: Ó TUATHAIL, G. e DALBY, S. Rethinking Geopolitics. London: Routledge, 1998
- O'LOUGHLIN, John. Geography as space and geography as place: the divide between political science and political geography. Geopolitics, vol. 5, n. 3, 2000

- PARKER, Geoffrey. Western geopolitical thought in the twentieth century. New York: St. Martin's Press, 1985
- RAFFESTIN, Claude; LOPRENO, Dario; PASTEUR, Alain. Géopolitique et histoire. Paris: Edition Payot Lausanne, 1995
- RATZEL, Friedrich. Géographie Politique. Paris: Ed. Economica, 1988
- SMITH, Neil. Political geographers of the past: Isaiah Bowman: political geography and geopolitics. Political Geography Quarterly, 3 (1), 1984
- SPYKMAN, Nicholas. Estados Unidos frente al mundo. México: FCE, 1944 [1942]
- TESCHKE, Benno. Geopolitics. Historical Materialism, volume 14:1 (327–335). Koninklijke Brill NV, Leiden, 2006
- TURGOT, Jacques. Géographie Politique. Oeuvres de Turgot, tome second, 1750